

# ***A NOITE TRISTE: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES INDÍGENAS NA LITERATURA HISTÓRICA SOBRE A CONQUISTA DOS ASTECAS***

***A NOITE TRISTE: REPRESENTATIONS OF INDIGENOUS WOMEN IN HISTORICAL LITERATURE ON THE CONQUEST OF THE AZTECS***

**Susane Rodrigues de Oliveira**

Universidade de Brasília

## **Correspondência**

UnB - Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, sobreloja  
Departamento de História - Asa Norte, Brasília/DF, CEP: 70910-900

## **Resumo:**

Trata-se de uma análise das representações das mulheres indígenas veiculadas no romance histórico *A Noite Triste*, publicado no Brasil em 2008. O centro desta narrativa é o momento histórico em que os espanhóis aportaram nos territórios do México (1519-20) e travaram contra os astecas uma das batalhas mais violentas nos episódios da conquista da América. Esta análise enfatizou os processos de produção de sentido e o imaginário histórico que informam as relações de gênero/etnia e as experiências e subjetividades das mulheres indígenas no passado.

## **Palavras-Chave:**

Representações; mulheres indígenas; literatura histórica.

## **Abstract:**

This is an analysis of representations of indigenous women propagated in the historical novel *A Noite Triste*, published in Brazil in 2008. The center of this narrative is the historical moment when the Spanish arrived in the territories of Mexico (1519-20) and fought against the Aztecs of the fiercest battles in the episodes of the conquest of America. This analysis emphasized the processes of production of meaning and historical imagery that inform gender/ethnicity relations and the experiences and subjectivities of indigenous women in the past.

## **Keywords:**

Representations, indigenous women, the historical literature.

## Introdução

Neste artigo apresentamos uma análise das representações das mulheres indígenas veiculadas no romance histórico *A Noite Triste* (2008), da escritora norte-americana Frances Sherwood, cuja primeira edição foi publicada nos Estados Unidos em 2006. A autora é professora visitante de escrita criativa na Universidade de Notre Dame em Indiana, publicou vários contos e romances históricos; entre eles se destacam o romance histórico *Vindications (Defesa)*, publicado em 1993, sobre a vida e a época de Mary Wollstonecraft (considerada por alguns historiadores como a primeira feminista da época moderna), que escreveu na Inglaterra em 1792 a obra *A Vindications of rights of women (Defesa dos direitos das mulheres)*.

*A Noite triste* trata do momento histórico em que os espanhóis aportaram nos territórios do México (1519-20) e travaram contra os povos astecas uma das batalhas mais violentas nos episódios da colonização hispânica da América, conhecido como a *la noche triste*. Os protagonistas desta trama são o conquistador espanhol Hernán Cortés e a “princesa” asteca Malintzin. Neste artigo priorizamos também a análise do imaginário histórico, observando, especialmente, os conceitos e valores de gênero que caracterizam os principais personagens desta trama.

Malintzin, comumente chamada de Malinche, é uma personagem histórica famosa e polêmica no México. Segundo Sherwood, Malintzin nasceu no ano de 1500, em Mali, uma cidade situada entre o México, dos astecas, e a Yucatán, dos maias, na região de Tabasco. Era única filha de um “nobre”, um alto funcionário daquela cidade de dominação asteca. O nome dela tinha o sufixo *tzin*, o que lhe atribuía a denominação de “princesa”, já que filha de um “nobre”. Aprendeu com o pai, até os nove anos de idade, a falar o maia chontal e a língua dos astecas, o nahual. Com a morte de seu pai, sua mãe a vendeu como escrava para mercadores maias. Aos 10 anos de idade foi comprada por um senhor maia e passou a viver como uma espécie de “escrava sexual”, até os 19 anos de idade, quando foi finalmente doada ao capitão Cortés em 1519, juntamente com mais 19 mulheres indígenas, numa oferenda de paz.

A tropa de Cortés, composta por 300 homens, havia desembarcado em Vera Cruz com o intuito de conquistar a grandiosa cidade asteca de Tenochtitlán, capital do então “império asteca”, conhecido por sua sofisticação, complexidade e riqueza, que para os espanhóis se expressava na existência de ouro. Sherwood escreve que, no caminho até Tecnochtitlán, Malintzin acabou se tornando “amante” de Cortés ao atuar como sua interprete e tradutora no contato com os povos nativos do México, entre 1519-20.

Como personagem central na história da conquista do México, Malinche, sempre foi alvo de muitos discursos, desde as crônicas coloniais aos escritos de historiadores, jornalistas e literatos nos séculos XIX e XX. Além disso, foi alvo de canções, poesias e pinturas de muitos artistas mexicanos. Tornou-se uma das personagens mais controversas da história mexicana e seu nome aparece entre os principais na história da formação deste país. A sua imagem ainda permanece na

memória histórica do México como a da mulher traidora de seu povo, culpada pela desgraça e conquista dos povos indígenas, culpada, especialmente, pela queda da cidade asteca de Tenochtitlán, uma das mais sofisticadas e complexas sociedades indígenas pré-hispânicas. Além disso, há quem a considere como a mãe do primeiro mestiço e a primeira catequizadora de índios. Em alguns momentos a sua imagem parece se ajustar às imagens dualistas, cristãs e androcêntricas, acerca do feminino no ocidente: ora identificada com a Eva – pecadora, traidora, profana, – ora vista como uma Santa – tal qual a Virgem Maria, – mãe e cristã.

O romance histórico de Sherwood permite a apreensão de um imaginário histórico a respeito das relações de gênero e de etnia no cenário da conquista hispânica da América, na medida em que narra o modo como Malintzin e Córtes se relacionavam, os sentimentos de um pelo outro e as relações dos espanhóis com as mulheres indígenas. Este gênero literário busca construir enredos, paisagens, protagonistas históricos e fictícios em conformidade com as tendências do passado, para isso se baseia em fontes históricas, na memória social e na historiografia. É assim que Sherwood, na construção de sua narrativa, busca apoio na crônica de Bernal Díaz de Castilho, soldado espanhol que acompanhou as tropas de Cortés na conquista do México.

A literatura histórica constitui fonte documental importante no ofício dos/as historiadores/as, já que é capaz de expressar cenários, linguagens, valores, normas, representações, conceitos e visões de mundo, especialmente, as perspectivas em torna das relações sociais, as preocupações e preconceitos sociais, tanto do passado como do presente, da época em que foi produzido. Como bem atenta Pesavento,

[...] para o historiador o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. Mais do que isso, o texto literário é expressão ou sintoma de forma de pensar e agir. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância.<sup>1</sup>

A literatura tem papel importante também no processo de construção do imaginário histórico. Ao produzir sentidos para o passado, combinando personagens e ações históricas e ficcionais, se apóia nas representações sociais tanto do presente como do passado. As representações constituem formas de conhecimento socialmente

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatai. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, C. B. da; MACHADO, M. T.. *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Ed. EDUFU, 2006, p. 22-23.

elaboradas e compartilhadas<sup>2</sup> que têm o poder de intervir na constituição das subjetividades e nas práticas sociais do presente.

Os historiadores não são os únicos proprietários do passado, “eles não estão mais em posição de afirmar que têm o direito exclusivo de produzir e distribuir versões dos eventos históricos”.<sup>3</sup> Cineastas, jornalistas e escritores, assim como os acadêmicos, podem também influenciar o modo como a sociedade pensa sobre o passado. Nenhum destes grupos pode afirmar que as versões da história que apresentam sejam absolutamente verdadeiras, e todos enfrentam problemas metodológicos semelhantes: “o que fazer com as lacunas nas evidências, o que deixar de fora, como decidir qual é a mensagem mais importante a transmitir e o que o público realmente vai querer ver/ler”.<sup>4</sup>

Neste sentido, não importa aqui discutir a verdade ou mentira dos enunciados que compõe o romance histórico.<sup>5</sup> Queremos discutir aqui o imaginário histórico que perpassa as representações das mulheres indígenas reunidas no romance histórico. O imaginário “comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão e o conflito.<sup>6</sup> É através do imaginário social, que “uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns”.<sup>7</sup>

A literatura histórica, ao lado da historiografia, da mídia, da televisão e da internet, funcionam como “pedagogias sociais que divulgam não apenas acontecimentos, fatos e análises, enredos ficcionais, mas igualmente representações sociais”.<sup>8</sup> Estes espaços re-produzem imagens do passado que também incidem sobre as subjetividades, valores, comportamentos do presente, sobre as formas de ver e interpretar o passado, regulando condutas e modos de ser, constituindo certas relações

---

<sup>2</sup> JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

<sup>3</sup> MISKELL, Peter. Os historiadores e o cinema. In: LAMBERT, Peter; SCHOFIELD, Phillip (Orgs.). *História: introdução ao ensino e à prática*. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 288.

<sup>4</sup> Idem, p. 289.

<sup>5</sup> Como bem disse Linda Hutcheon, “O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado, (‘aplicações da imaginação modeladora e organizadora’). Em outras palavras, o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses ‘acontecimentos’ passados em ‘fatos’ históricos presentes. Isso não é um ‘desonesto refúgio para escapar à verdade’, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos”. HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 199, p. 122.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatai, *op. cit.*, p. 43.

<sup>7</sup> BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 309.

<sup>8</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. *Tecnologias sociais e a construção da diferença sexual*. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/argentinamf.htm>>. Acesso em 02 mai. 2011.

de poder e ensinando modos de ser e estar na sociedade. Tais imagens muitas vezes desafiam a história tradicional e sua política de produção de conhecimento histórico, pois a narrativa ficcional, que caracteriza a literatura histórica, tem a capacidade de transformar e “reconfigurar o passado, um processo de reconfiguração que não é somente uma seleção criteriosa do registro documental, mas também uma mudança de relação com o passado”.<sup>9</sup>

Enquanto historiadora me interessa, portanto, captar os processos de produção de sentido, os “sistemas de significação” que constroem e remodelam as subjetividades e relações de gênero/etnia na história da conquista do México. Neste trabalho entendemos o gênero e o sexo, igualmente, como construtos culturais/históricos. Com bem atenta Judith Butler,

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura.<sup>10</sup>

A percepção do sexo/corpo como uma construção constitui aqui o fundamento para a crítica das representações de gênero binárias/androcêntricas predominantes e da concepção universal/humanista do sujeito. Essa noção permite assim a “desconstrução” de uma noção dualista/binária dos sexos/gêneros que aparecem tanto na literatura como na historiografia naturalizando e universalizando as subjetividades e relações entre homens e mulheres na história.

A conquista hispânica incidiu profundamente sobre as subjetividades e relações sociais na América Latina, marcando diferenças e exclusões sociais no processo de formação das nações latino-americanas. Neste sentido, a história da conquista sofre usos e abusos, desde a época colonial, sendo evocada ora para exaltar a superioridade e dominação dos espanhóis, ora para depreciar e legitimar a marginalização e exclusão das práticas e conhecimentos indígenas. O imaginário acerca deste tema, presente na literatura histórica, é bastante revelador das representações que constituem matrizes e efeitos de práticas sociais. As imagens generalizadas e naturalizadas das mulheres indígenas como escravas sexuais e submissas aos conquistadores espanhóis, construída sob um ponto de vista androcêntrico, pelos cronistas coloniais e mais tarde

<sup>9</sup> WOODS, Tim. História e Literatura. In: LAMBERT, Peter; SCHOFIELD, Phillipp (Orgs.). *História: introdução ao ensino e à prática*. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 201.

<sup>10</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25. Grifo original.

reforçada pela historiografia tradicional de cunho eurocêntrico, ainda marcam as subjetividades e práticas de exclusão e inferiorização destas mulheres no presente.

A maior parte da literatura histórica sobre a conquista foi escrita sob o ponto de vista europeu e masculino. Neste artigo buscamos analisar uma narrativa de autoria feminina, na voz de Sherwood, observando também os valores e conceitos de gênero que informam a sua produção, suas relações com a historiografia, o seu imaginário histórico. Até que ponto ela reproduz a tradição masculina e eurocêntrica em sua narrativa? Qual o lugar das mulheres em sua narrativa? As imagens patriarcais e eurocênticas que nos são impostas e naturalizadas interferem no seu processo criativo?

### **Mulheres indígenas**

Sherwood narra os sentimentos, ações, relações e pensamentos de Malintzin e Cortés, dá voz a estes personagens centrais no drama da conquista do México. Tendo como pano de fundo os cenários e episódios que aparecem na historiografia e nas crônicas coloniais, a escritora busca penetrar na alma destes personagens, na tentativa de atribuir-lhes uma imagem mais humana. Deste modo, tenta revelar o lado bom e ruim destes personagens, seus conflitos pessoais. Entretanto, não deixa de revelar, com riqueza de detalhes, as atrocidades cometidas pelos espanhóis contra os indígenas, escapando das versões tradicionais/eurocênticas da história que silenciam a ação e resistência dos indígenas, especialmente das mulheres indígenas, no processo de conquista.

Em um cenário de guerra, escravidão e conquista, onde os homens espanhóis normalmente figuraram como únicos protagonistas e heróis, Sherwood narra também as ações e sentimentos das mulheres indígenas, especialmente de Malintzin e sua amiga Cuy. O ponto de vista dos indígenas oprimidos e subjugados pelos espanhóis tem espaço em sua narrativa, revelando a complexidade das relações de sexo-gênero e de raça-etnia que marcaram os empreendimentos da conquista. Temas como escravidão, dominação, violência, sexo, prostituição, guerreiras Amazonas, amor conjugal, casamento, gravidez e maternidade ganham destaque em sua narrativa. Nesta perspectiva, a narrativa de Sherwood parece em sintonia com a historiografia renovada, onde o feminino e o indígena ganham cada vez mais espaço.

Segundo a autora, a tropa de Cortés, por onde passava, recebia muitas mulheres indígenas dos caciques locais, como presentes – oferendas de paz, – vistas pelos espanhóis como sinal de generosidade, submissão e fidelidade a Cortés. Malintzin e Cuy foram doadas à sua tropa pelos maias, em 1519, juntamente com mais 18 mulheres. Tratadas como escravas, servas dos espanhóis, deviam acompanhar os soldados espanhóis nos acampamentos para cozinhar, lavar e ter relações sexuais com eles. Havia uma mulher indígena para cada espanhol, mas todas deviam circular sexualmente entre eles. A autora revela que os espanhóis não recusaram estas mulheres, agiram com misoginia, trataram-nas com desprezo e violência, e

exploraram sua força de trabalho. Como escreve a autora, “Fazia parte da conquista: o estupro, a pilhagem, o direito a todas, os rituais de posse”.<sup>11</sup> A narrativa sugere que Cortés via estas mulheres como as prostitutas que existiam na Espanha, o que as desclassificavam e legitimava toda forma de violência e exclusão destas mulheres diante dos espanhóis.

A violência dos homens (tanto dos espanhóis como dos indígenas) contra as mulheres indígenas ganha destaque na narrativa de Sherwood. Esta preocupação em denunciar, tornar visível, a violência contra mulheres está em sintonia com as preocupações feministas das últimas décadas. Na narrativa esta violência aparece sob o prisma da motivação individual e psíquica, ligada ao natural, às emoções e sentimentos de raiva, ansiedade e ciúme. Entretanto, percebemos que este tipo de violência contra as indígenas tem, sobretudo, uma motivação sócio-cultural, encontrando fundamentos nas concepções e valores compartilhados pelos espanhóis-conquistadores. Esta violência é reveladora também dos conflitos e diferenças/desigualdades de gênero e de etnia que marcaram os empreendimentos da conquista. Como meio de garantir os interesses colonialistas de exploração de terras e povos da América, e, especialmente, a subordinação das mulheres aos espanhóis, esta violência encontrava também legitimidade no imaginário cristão/androcêntrico dos espanhóis, nas concepções arraigadas de necessidade de controle e domínio das mulheres pelos homens.

O masculino também aparece de maneira essencializada na narrativa, especialmente quando as ações violentas de Cortés e dos espanhóis diante das mulheres são simplesmente justificadas por sua “natureza masculina” dominadora e superior. De acordo com Sherwood, é da natureza do homem fazer sexo com as mulheres, ele não as recusa, além disso, podia traí-las sem nenhum remorso ou culpa. A idéia de natureza masculina, dominadora e violenta, não é questionada pela autora, já que aparece como a base da superioridade e autoridade dos homens espanhóis sobre as mulheres indígenas. Nesta perspectiva, a narrativa acaba reafirmando as velhas representações de binárias e hierárquicas de gênero que naturalizam as práticas de violência e inferiorização das mulheres. Deste modo, assinalamos que a literatura histórica contemporânea, por meio da reiteração/repetição destas representações, alimenta um imaginário histórico misógino que pode incidir na construção das subjetividades e relações de gênero/etnia desiguais no presente.

No início da trama, Cuy e Malintzin são como as outras mulheres indígenas doadas aos espanhóis, tidas como objetos de posse, submetidas a todo tipo de violência, inclusive sexual e humilhações. Segundo a autora, homens indígenas e negros também faziam parte desse contingente de escravos, mas eram minoria diante das mulheres. Dois deles se destacam na obra, o indígena Garra de Jaguar e o negro Adu. Diferente dos homens, as mulheres indígenas aparecem como sujeitos

---

<sup>11</sup> SHERWOOD, Frances. *A Noite Triste*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 133.

duplamente colonizados, primeiro por serem indígenas, segundo por serem mulheres.<sup>12</sup>

Garra de Jaguar odeia os espanhóis, é crítico, contrário às ações dos espanhóis, deseja que eles morram, entretanto se submete pela força. Em determinado momento tenta assassinar Cortés, mas acaba sendo descoberto e condenado à morte. A autora revela que toda resistência à dominação e autoridade de Cortés era punida com a morte. Já as mulheres indígenas parecem não oferecer resistência, já que descritas como objetos de troca, escravas sexuais, oprimidas, submissas, crianças, covardes, caladas e pouco inteligentes. Como escreve a Sherwood: “Mulheres nativas, como esse termo evocava prazeres... Sugeria submissão, domínio, aquele vai-e-vem risonho: “Sou seu senhor, é minha escrava””.<sup>13</sup> Em outro trecho diz ainda:

[...] as mulheres nativas não eram delicadas nem tinham um ar afetado [como as mulheres espanholas]. Na verdade, não faziam questão de serem cortejadas, tampouco contavam com a proteção intrometida de alguma mãe ambiciosa. Verdade seja dita: as índias eram sábias, dotadas de um conhecimento capaz de provocar um verdadeiro redemoinho, como a Lua no mar, na zona erógena de um homem [Cortés] plenamente maduro, de 33 anos.<sup>14</sup>

Estes enunciados se baseiam em conceitos de sexo-gênero e etnia essencialistas e universalizantes, de tradição eurocêntrica e androcentrica, que associa o feminino indígena apenas ao sexo e à submissão. Estas imagens, que ainda circulam em nossa sociedade, e que compõe o imaginário do conquistador espanhol no século XVI, estão perpassadas por uma vontade de verdade, de exercício do poder sobre o corpo das indígenas. Esse discurso que reitera a naturalização das atribuições destas mulheres não permite a emergência da multiplicidade nas relações humanas, além disso, vem legitimando e contribuindo na violência, exclusão e inferiorização das mulheres indígenas no presente, marcando-as duplamente com o selo do inevitável sexo biológico e da diferença étnico-racial. Ao descrever as mulheres indígenas, sob o ponto de vista masculino europeu, a narrativa de Sherwood parece relegar os saberes e práticas destas mulheres apenas à natureza, à emoção e ao sexo.

Sherwood deixa ainda entrever, nas falas de Malintzin e Cuy, as diferentes entre as escravas. As relações e diálogos estabelecidos entre elas são bastante reveladores dos conhecimentos, expectativas, desejos, destinos e questionamentos das mulheres indígenas diante dos espanhóis. Cuy se vê como pertencente e fiel ao seu povo e costumes, mas reconhece seu destino como escrava dos espanhóis, achando

---

<sup>12</sup> Todorov também já havia observado isso em sua obra *A Conquista da América*, uma das maiores referências historiográficas sobre o tema.

<sup>13</sup> SHERWOOD, Frances, *op. cit.*, p 39.

<sup>14</sup> Idem, p. 41.



melhor ser escrava deles do que dos maias. Já Malintzin se diz “princesa”, não aceita a escravidão, diz que queria ter nascido homem para ser um escrivo, mas acaba sonhando apenas em ser mãe e esposa. Assim como os espanhóis são diferentes entre si, as mulheres indígenas também aparecem na narrativa se comportando e pensando de maneira plural. Este ponto de vista é importante porque foge das generalizações binárias e hierárquicas de gênero/etnia, sugere a diversidade entre as mulheres e permite vislumbrar outras possibilidades para as mulheres indígenas na história, além daquelas de submissas e objetos sexuais.

### O “destino” das mulheres

Segundo Sherwood, Malintzin aprendeu com o pai, ainda criança, a falar as línguas maia e nahuatl. Era considerada uma criança inteligente, por isso o pai a educou para ser enviada ao *calmecac* dos astecas, para estudar como uma sacerdotisa. Assim escreve a autora,

[...] o pai permitia que ela negligenciasse a tecelagem e a pedra de mó, a vassoura e a roca – atividades comuns às mulheres. Deixava que ela se sentasse a seu lado quando negociava com os coletores de impostos da capital, que apareciam a cada 80 dias em busca de um terço das mercadorias da cidade: algodão, conchas, pérolas, sal, milho e plumas de quetzal verde. A Mãe declarava que nenhum bem poderia advir daquilo e que a menina acabaria por ignorar o verdadeiro destino de uma mulher.<sup>15</sup>

Sherwood imagina que a cultura asteca pré-hispânica possuía os mesmos valores e conceitos binários e hierárquicos de gênero, fundados na diferença sexual/biológica, tal qual conhecemos. Deste modo, ao tratar de temas como o casamento, a escravidão e os papéis sociais/gênero entre os indígenas, a autora parece se apoiar em pressupostos históricos essencialistas e universais, re-criando os gêneros nos moldes eurocêntricos, impondo sentidos às organizações sociais indígenas que não permitem a emergência de outras possibilidades para as mulheres e as relações entre os sexos. Deste modo, a literatura histórica pode também contribuir na reiteração da hierarquia e dominação do masculino sobre o feminino como algo inquestionável, construindo uma história homogênea, repetidora do mesmo. A autora narra a história da dominação, da troca, da submissão, da exclusão das mulheres pelos homens, levando em conta poucos indícios da alteridade indígena pré-hispânica. Além disso, em seu imaginário histórico, a escravidão para os maias e astecas ganha os mesmos sentidos e contornos da escravidão praticada pelos europeus no Atlântico. Neste imaginário, informado pela história tradicional/eurocêntrica, parece não haver

---

<sup>15</sup> Idem, p. 12.

diferenças entre o mundo dos indígenas e o mundo dos espanhóis; a alteridade indígena não consegue se manifestar, já que concebida e interpretada a partir de conceitos e valores europeus que silenciam e apagam outros sentidos, sentidos “já-lá”. Deste modo, é como bem escreve Navarro-Swain, “a História-interpretação parte de um sociograma dado, o do presente, da atualidade, para tentar iluminar os sentidos que percorrem o horizonte de significação do passado”.<sup>16</sup>

Malintzin, após a morte do pai, passa a ser abusada sexualmente pelo padrasto e ameaçada de morte, caso ousasse contar para a mãe. Já a mãe dizia que todos os refinamentos de Malintzin só trouxeram desarmonia para a casa. Assegurava que em breve sua filha já teria seios e se casaria, indo morar com o marido. Já o padrasto dizia “Duas mulheres em casa? Duas mulheres e um homem? Se fossem duas esposas seria diferente”.<sup>17</sup> O sexo biológico aparece na narrativa como o eixo das relações entre homens e mulheres; a heterossexualidade, o casamento e a procriação aparecem como a norma, como destino “natural” das mulheres, construindo uma realidade nos moldes eurocêtricos. Como já observou Navarro-Swain, a história

[...] se faz sobre o já-dito, sobre a autoridade de uma historiografia que erige em verdade seus enredos imaginados. A ficção histórica, assim, re-constrói mundos e relações onde os papéis são imutáveis e os gêneros definidos pela biologia.<sup>18</sup>

Malintzin foi vendida como escrava pela mãe aos mercadores maias. A mãe finge a morte da própria filha. Como escreve Sherwood,

[...] Talvez as sementes de ódio de sua mãe tivessem sido plantadas quando Malintzin ainda era um bebê que engatinhava para os braços do pai e quando era menina, ao deixar a roca e o tear para acompanhar o pai nas viagens oficiais. Teria sido porque ela, a filha, desabrochava como a flor da yucca, enquanto a mãe, cuja planta já secara havia muito, definhava? Teria Malintzin falado demais, rido excessivamente alto, mostrando os dentes e as curvas vermelhas da garganta? Ao aprender os nomes das coisas, cujas ilustrações podiam ser encontradas nos rolos escritos, teria ofendido sua mãe, que não era capaz nem de decifrar um glifo?<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. Amazonas Brasileiras? Os discursos do possível e do impossível. In: Texto publicado no original em francês: *Recherches qualitatives*, vol.19, Université du Québec à Trois Rivières, Québec, Canadá, 1999, p. 02.

<sup>17</sup> SHERWOOD, Frances, *op. cit.*, p 17.

<sup>18</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. *Labrys: Revista de Estudos Feministas*, nº 9, 2006, p. 01. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm>> Acesso em 02 jun. 2006.

<sup>19</sup> SHERWOOD, Frances, *op. cit.*, p 21.

Neste enunciado os sentimentos e ações das mulheres parecem tanto direcionados aos homens, a uma disputa por eles, pelo sexo e a procriação, como a uma disputa pelo conhecimento. No entanto, a disputa pelos homens é bem mais enfatizada pela autora. A juventude e capacidade de reprodução/procriação feminina aparecem como atributos importantes para o prestígio das mulheres diante do masculino, excluindo outros atributos. A solidariedade feminina entre mãe e filha, sede assim lugar à competição pelos homens.

Entretanto a autora sinaliza também em outras direções, quando narra a amizade entre Cuy e Malintzin. Elas discutiam todas as noites sobre sua nova vida, trocavam também conhecimentos sobre o corpo feminino e a sexualidade. Cuy via Malintzin como uma pessoa forte e admirável, chamava-a de Maax, que significa “Macaco tagarela”, porque Malintzin falava bastante. Ao contrário das outras escravas, elas conversavam e era nesta relação que encontravam a possibilidade de falar e emitir críticas e opiniões, já que diante dos homens espanhóis não podiam agir desta forma. A autora, ao penetrar no universo destas mulheres, constrói uma narrativa onde as subjetividades e experiências das mulheres ganham também espaço e importância em sua obra.

A autora diz que as escravas não podiam conversar perante os espanhóis. Neste sentido, a fala aparece associada ao poder, enquanto o silêncio à subjugação. De acordo com Sherwood,

Enquanto [Malintzin] falava, vinha-lhe uma grande sensação de poder. Usar palavras para se expressar em voz alta era como refazer o mundo à sua vontade e ficar menos à mercê dele. Dizer que estava com medo, ser capaz de colocar as próprias palavras ao redor daquele sentimento, era o mesmo que sentir menos medo.<sup>20</sup>

A comunicação se apresenta na narrativa como um instrumento de poder. Neste sentido, Cuy e Malintzin parecem experimentar o poder apenas na relação de comunicação que estabelecem uma com a outra, e também com outros escravos. Como veremos adiante, Malintzin ganha a possibilidade de experimentar este poder diante dos índios e espanhóis. As duas conversavam muito e não viam com bons olhos as atrocidades e mentiras de Cortés para com os índios. Em suas conversas chamavam Cortés de “Barata”.

A amizade entre as mulheres ganha importância e destaque na narrativa de Sherwood. Este aspecto foi bastante silenciado pela historiografia tradicional/eurocêntrica que cunhou uma imagem das mulheres como inimigas, competidoras e desonestas entre si. Elas prometeram cuidar uma da outra, assim como uma mãe cuida da filha. Deste modo, a narrativa traz uma imagem diferente

---

<sup>20</sup> Idem, p. 118.

daquela tradicional e negativa sobre as relações entre as mulheres, mas que ainda permanece baseada numa relação afetiva maternal, tal qual a de mãe e filha. No imaginário da autora a amizade, cumplicidade, afetividade, lealdade entre as mulheres só podia ser algo da ordem do maternal. Entretanto, esta mesma relação maternal pode ainda ceder lugar ao ódio e à competição entre mãe e filha, quando os homens privilegiam apenas uma delas. A relação de Malintzin com sua mãe não se dá da mesma forma, já que é vendida por ela, sem nenhum remorso, como escrava aos mercadores maias, enfrentando por conta disso uma série de sofrimentos, fome, humilhações e violência. Interpretamos as relações entre Malintzin e sua mãe como parte de uma lógica patriarcal de competição, indiferença e deslealdade entre as mulheres. Já a relação de Malintzin e Cuy, revela outros sentidos, demarcando a possibilidade de construção de uma relação mãe-filha baseada na amizade, cumplicidade, solidariedade e proteção.

### **Malintzin – “princesa tradutora” e “auianime”**

Sherwood narra ainda outras possibilidades para as mulheres astecas, além do casamento e da maternidade, quando fala das *auianimes*, “mulheres que não eram modestas” e percorriam as ruas depois do pôr-do-sol, algumas em canoas, pelos canais, detendo-se ao verem algum homem e perguntando se desejavam sexo.<sup>21</sup> Parte da historiografia recente vem revelando que na sociedade asteca estas mulheres eram livres e independentes, que não eram desclassificadas, já que tinham feito uma escolha pelo sexo. No entanto, a autora descreve estas mulheres como “escravas sexuais”. Em conformidade com o imaginário androcêntrico dos cronistas coloniais, a autora não observa a diferença entre elas: as escravas dos espanhóis eram obrigadas ao sexo, eram vítimas de estupro, bem diferente das *auianime* astecas. É interessante notar aqui as condições de imaginação da autora, talvez querendo revelar o ponto de vista dos espanhóis, mas não fica claro. A *auianime* é vista por ela como uma escrava sexual, “uma mulher desonrada” já que faz sexo com os homens fora do casamento. Ora, este conceito de “mulher honrada” como mulher casada, era típico dos espanhóis do século XVI e provavelmente não encontravam referências na cultura asteca. Devemos ressaltar que a maior parte das informações sobre os astecas provém dos cronistas coloniais que descreveram a cultura asteca a partir dos conceitos, valores e interesses dos espanhóis na América.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Idem, p. 23.

<sup>22</sup> Sobre as mulheres astecas ver MARÍN, Guadalupe Rivera. La mujer en la sociedad prehispánica en el altiplano central de México. In: GUARDIA, Sara Beatriz et al. (Orgs.). *História de las Mujeres en América Latina*. Lima: CEMHAL, 1997. Disponível: <<http://webserver.rcp.net.pe/cemhal/publicaciones1b.html>>. Acessado em 19 set. 2011. BALERDI, Iñaki Díaz. Mujer, sexo y fertilidad em la cultura azteca. *Ars Bilduma*. Revista del Departamento de História del Arte y musica de La Universidad del País Vasco. N. 0, 2000.

Malintzin é vista e classificada como auianime em alguns trechos de sua narrativa, recebendo o sentido de “puta” – “mulher sozinha, à mercê de todos os homens”.<sup>23</sup> Na narrativa ela deixa de ser uma auianime quando passa a ser posse exclusiva de Cortés, quando ganha alguns “privilégios” ao assumir o posto de interprete e tradutora de Cortés no contato com os índios. Cortés a convida para atuar como tradutora e interprete. Em troca desse serviço ofereceu a ela proteção e futura liberdade. Malintzin seria libertada quando este trabalho terminasse e receberia terra, ouro e casa.<sup>24</sup> Com isso, ela se torna uma “princesa-tradutora”, a “Doña Marina”, “La lengua”, e não devia engravidar, apenas se dedicar à viagem, por isso Cortés a retirou da posse de um soldado. Ela ganhou um quarto exclusivo, com sua própria esteira para se deitar, embora normalmente dormisse com Cortés.<sup>25</sup> No imaginário da autora, a gravidez parece excluir as mulheres de outras possibilidades de atuação, para além do casamento e da maternidade. Além disso, o corpo das mulheres e sua capacidade de reprodução/gravidez aparecem sob o controle dos homens, já que a autora exclui a possibilidade de que as mulheres indígenas exercessem um controle sobre a gravidez e compartilhassem o conhecimento de métodos contraceptivos.

Malintzin era vista por sua amiga Cuy como uma mulher de “muitos talentos”, já Cortés a considerava como uma “mulher de cultura”. Segundo a autora, ele louvava Malintzin “por sua capacidade de se aventurar, de se ajustar às novas situações, de agir sem pensar em lealdades deslocadas, afetos, lembranças sentimentais”.<sup>26</sup> Nesta perspectiva, diante de Cortés o valor de Malintzin se mede por atitudes e sentimentos considerados como tipicamente masculinos. Para além de suas atitudes e sentimentos ela não passava de uma mulher-escrava, vista por Cortés como *La Puta*, cujo corpo deveria ser explorado e dominado.

Ao se tornar interprete/tradutora ela ganha entre as tropas de Cortés uma posição superior à dos outros indígenas. Os cempoalas a chamavam de “Malintzin Tenepal”, aquela que possui o discurso.<sup>27</sup> Segundo a autora, ela não só traduzia, mas também interpretava a cultura dos índios, tornando possível que os espanhóis ficassem em pé de igualdade com os caciques e o “imperador” dos astecas.<sup>28</sup>

É interessante notar que a autora revela também a insegura e desconfiança dos espanhóis com as traduções de Malintzin, mas eles não tinham outra saída, já que ela era a única pessoa capaz de fazer estas traduções. Sherwood afirma que Cortés a ameaçava de morte para que fosse fiel nas traduções. Como tradutora ela detém poder sobre os sentidos das palavras e se torna centro das atenções. Malintzin ficou apavorada por ter se colocado fora da ordem, como diz a autora, fora da sua ordem, a

---

<sup>23</sup> SHERWOOD, Frances, *op. cit.*, p 206.

<sup>24</sup> Idem, p. 102.

<sup>25</sup> Idem, p. 107.

<sup>26</sup> Idem, p. 272.

<sup>27</sup> Idem, p. 166.

<sup>28</sup> Idem, p. 306.

da escravidão. Ao falar ela se sentia alta e confiante. Ainda segundo a autora, “no seu íntimo, em seu coração, ela era uma princesa, não uma escrava”.<sup>29</sup> Por ser a tradutora de Cortés, os índios de Tlaxcala e Tenochtitlán trataram-na como “honrado Malintzin”, e acreditavam que ela e Cortés falavam com uma só língua. Montezuma, escreve a autora, pensava que Malintzin era uma “emissário dos deuses” por ser tão dotada.

Na narrativa, Malintzin se sentia punida pelos deuses, mas não acreditava que tinha cometido erro algum ao falar abertamente em nome de Cortés, já que nada temia. Ela não devia olhar abertamente nos olhos dos homens, seja como escrava ou esposa de um homem, mas ela o fez quando falou com os cempoalas, revelando ousadia e coragem. Foi a partir desse episódio que ela se tornou interprete e tradutora de Cortés. Com isso passou a ser servida pelas mulheres cempoalas, doadas aos espanhóis. Além disso, se alimentava junto com os oficiais de Cortés, ganhando espaço de fala, conversando com os espanhóis. Segundo a autora isso despertou o ódio e a inveja de outros escravos que passaram a vê-la como traidora. As mulheres cholulas viam Malintzin como bonita, só nas aparências, mas “feia por dentro”, uma “mulher fácil”, por estar ao lado dos espanhóis na conquista.

Ao longo da narrativa a autora revela ainda que Malintzin era chamada por vários nomes – como Maax, Doña Marina, La Lengua, Mallalini, Malinche, rainha da traição, emissária dos deuses, Malintzin Tenepal, honrado Malintzin, princesa-tradutora, mulher de cultura, coração de ouro, La Puta, Auianime, Coyolxauhqui, bandida, escrava fugida, – evidenciando a importância das variações de sua representação dependendo do espaço/tempo e grupo social em que se insere ou estabelece contato. Deste modo, a narrativa de Sherwood reflete as variações do imaginário mexicano sobre Malintzin, ora vista como traidora, ora vista como santa e honrada.

A autora parece atribuir sentidos a ação de Malintzin, não como traidora, mas como resultado de todo sofrimento, fome, humilhação e violência sexual, que havia sofrido desde a morte do pai e ao ser vendida como escrava pelos maias e depois doada aos espanhóis. As ações de Malintzin ganham sentido, especialmente, nos seus conflitos e relações com Cortés, no drama que envolvia essas relações. Ao contrário de Cuy ela não se identificava com o seu povo e costumes, não via razão em estar do lado dos indígenas. Se tornar uma tradutora de Cortés era a oportunidade que ela tinha de não ser mais escrava.

Entretanto, o papel de interprete e tradutora não a livrou de servir sexualmente a Cortés, já que sofria constantes abusos sexuais da parte dele e de outro soldado que às escondidas a estuprava e ameaçava de morte se contasse para Cortés. Malintzin ganha prestígio e destaque nas relações dos espanhóis com os indígenas. Apesar de experimentar o poder através das palavras e traduções, diante de seus estupradores, ela perde o seu valor, se torna vítima. A violência sexual praticada por eles parece

---

<sup>29</sup> Idem, p. 96.

relacionada à vontade de dominá-la e submetê-la, sinaliza para o lugar inferior das mulheres indígenas nas relações sociais.

Na narrativa, o desejo sexual de Malintzin por Cortés era visto por ele como sinal de submissão. A autora mostra que de modo geral os espanhóis não levavam em conta o casamento nos moldes indígenas, por isso aceitavam pelo caminho as mulheres apresentadas pelos caciques. Tinham relações sexuais com elas, mas não as consideravam como esposas, apenas como escravas e concubinas. No entanto, a autora busca mostrar que isto não era prática tão generalizada, já que alguns espanhóis foram capazes de casar, ter filhos e constituir uma família com mulheres indígenas, como é caso do marido de Cuy.

Malintzin aparece, portanto, como um objeto de posse de Cortés, como um troféu, símbolo de sua autoridade e poder enquanto conquistador. É neste sentido que compreendemos o seu desejo de protegê-la do assédio sexual de outros homens. A autora diz que Malintzin tinha orgulho de estar ao lado de Cortés, de ser sua futura esposa. No entanto, ela sofria de amor por Cortés, achava que ele a amava, desejava-o só para ela, não suportava vê-lo com as índias que os caciques lhe ofereciam. Por conta de sua relação com Cortés, Malintzin se torna, neste momento da narrativa, uma mulher fragilizada, indecisa e em estado de angústia. Malintzin se torna assim uma personagem ingênua e iludida com os desejos sexuais, as promessas e proteção de Cortés, já que incapaz de perceber que Cortés apenas desejava dominá-la para usufruto de seu papel de tradutora e interprete fiel aos espanhóis. Ao mesmo tempo em que autora deixa entrever uma imagem de Malintzin como mulher forte, autônoma e movida também por interesses, por outro lado reafirma as velhas representações das mulheres como seres frágeis, iludidos e dependentes do sexo e casamento com os homens.

Sherwood descreve Cortés como homem em oposição a tudo o que é considerado feminino, e que por isso não recusava sexo com as mulheres, cometia estupros e dizia que “trair era prerrogativa dos homens”. Sherwood imagina que para os espanhóis a superioridade e domínio sexual dos homens sobre as mulheres eram vistos como naturais, como valores compartilhados socialmente. Nos últimos anos os estudos de gênero vêm revelando o caráter histórico e de construção deste imaginário misógino que presidiu as relações de gênero/etnia na América<sup>30</sup>.

A autora classifica como ingênuos os sentimentos de amor e ciúmes de Malintzin por Cortés, já que sonhava em ser a esposa principal de Cortés, e se sentia humilhada e destruída, perdia a alegria de acordar, quando Cortés se deitava com outras mulheres. Deste modo, Sherwood apresenta Cortés como o estereótipo masculino da conquista. Segundo a autora, ele achava que as mulheres precisavam ser

---

<sup>30</sup> Cf. OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível: as representações do feminino e do sagrado nas crônicas coloniais e na historiografia sobre os Incas*. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

domadas, e que assim dizia: “Não é bom que elas se sintam seguras em relação a um homem. Devem, ser mantidas instáveis”.<sup>31</sup>

Malintzin é uma personagem feminina forte, corajosa e inteligente, dotada de conhecimentos, no entanto quando se trata de sua relação conjugal com Cortés ela perde a força, se torna fraca, ingênua e vulnerável. Na visão de Sherwood, as mulheres em suas relações com os homens parecem perder a autonomia, força e liberdade. Não por acaso, o desejo de Malintzin pelo casamento ganha destaque na obra. Cuy também sonhava em se casar e ter filhos com o espanhol a quem Cortés a havia destinado, na visão da autora, ela queria ser mãe e honrada.

Malintzin e Cuy achavam que não tinham nascido “para serem escravas, e sim para serem esposas de algum homem sábio e poderoso, mãe de guerreiros e filósofos”.<sup>32</sup> Na narrativa, Malintzin afirma ser uma princesa e que por isso não devia aceitar as condições de escrava sexual. A monogamia e o casamento aparecem como desejos naturais destas mulheres, mas será que todas as indígenas compartilhavam mesmo destes anseios? Entretanto, a própria autora chama atenção para isso, numa visão bastante homogeneizadora, quando afirma que as “mulheres primitivas” não tinham sentimentos pelos homens, já na cultura delas os homens podiam ter muitas “esposas” e “concubinas”, enquanto as “mulheres espanholas” eram movidas pelo amor romântico e o ciúme pelos homens.<sup>33</sup>

Sherwood ainda revela que os sentimentos de Malintzin por Cortés começaram a ruir não apenas por descobrir que ele tinha uma esposa espanhola em Cuba, mas quando começou a perceber que Cortés cometia muitas atrocidades e violência contra os índios e os próprios soldados. Deste modo, ela luta contra os sentimentos de amor por Cortés, passa até mesmo a ter relações sexuais, às escondidas de Cortés, com Alvarado, um soldado que ela e Cuy consideravam muito bonito. Mas ela ainda chorava de amor por Cortés, dizia que ela se achava uma princesa, mas que era apenas uma mulher.<sup>34</sup> Não por acaso a autora afirma que Alvarado “devolveu-lhe novamente o corpo e lhe fez sentir que estava viva”.<sup>35</sup> Quando Cortés interrogou Alvarado sobre o caso com Malintzin, ele responde: “As mulheres são escravas e dissimuladas por natureza. Ela estava nua, que culpa tenho eu?”<sup>36</sup> Cortés esperava lealdade de Malintzin nas relações sexuais, porque isso devia colocar em risco a missão dos espanhóis.<sup>37</sup> Desejava violentar Malintzin, tinha vontade de matá-la aos poucos e ameaçava cortar-lhe a língua.<sup>38</sup> Quanto mais ela o odiava, a autora diz que

<sup>31</sup> SHERWOOD, Frances, *op. cit.*, p 134.

<sup>32</sup> Idem, p. 22.

<sup>33</sup> Idem, p. 131.

<sup>34</sup> Idem, p. 144.

<sup>35</sup> Idem, p. 134.

<sup>36</sup> Idem, p. 162.

<sup>37</sup> Idem, p. 147.

<sup>38</sup> Idem, p. 153.



ele ficava ainda mais obstinado em dobrá-la.<sup>39</sup> Ainda segundo Sherwood, ele tinha que admitir que a amava muito, de verdade, porque a admirava e achava-a fisicamente atraente.<sup>40</sup> Na sua indiferença para com Cortés ele chegou a machucá-la e humilhá-la, forçando-a ao sexo, afirmando que ela era a sua “escrava do amor”, que ele era o seu destino e que não a deixaria partir, revelando assim o seu poder no assujeitamento de Malintzin.

Na narrativa Malintzin parece dependente do sexo, da relação amorosa e sexual com os homens. No entanto, podemos identificar alguns indícios de que ela era também uma mulher capaz de ser desleal aos homens, ao procurar outro parceiro sexual, transgredindo a norma, fugindo da imagem de mulher resignada e leal ao amante-marido. Ela é capaz também de controlar e superar os seus sentimentos, deixando de amar Cortés, revelando uma percepção crítica e discordante das atrocidades e mentiras que Cortés acometia os índios.

Sherwood revela que Malintzin, mesmo como porta-voz e amante de Cortés, não apoiava a violência dos espanhóis contra os indígenas, e, especialmente, a violência de Cortés para com os seus próprios soldados. Ela tenta convencer Cortés a não matar, para que ele pudesse ser visto pelos indígenas como o deus Quetzalcoatl. Além disso, ela corre riscos, interfere nas traduções, tirava proveito deste lugar de fala. Em alguns momentos tentou alertar Montezuma dos planos de Cortés em dominar e destruir os astecas, mas de nada adiantou, porque ele já havia aceitado o seu destino, acreditava que Cortés era mesmo o deus Quetzalcoatl, da profecia asteca, que um dia retornaria para reivindicar o seu trono. Malintzin se mostrava confusa e fragilizada, não sabia ao certo se era ou não a favor da dominação hispânica, já que tinha também seus interesses com a conquista. Ela via os índios e a si mesmo como conquistados, não via outra saída.

### **O parto de Cuy**

Um dos episódios mais tensos da narrativa de Sherwood diz respeito ao parto de Cuy, em meio ao cerco dos astecas ao palácio de Montezuma onde estavam os espanhóis. Inesperadamente o cenário desesperador e doloroso do parto difícil de Cuy é descrito pela autora como “mundo das mulheres” e das “guerreiras valentes”. Neste cenário o sentimento das outras mulheres, especialmente das escravas e da sobrinha do cacique de Cempoala, a esposa indígena de Cortés, ganha espaço. De acordo com a autora, na tradição indígena os homens não faziam parte deste cenário. Já Malintzin, por sua profissão, também não devia entrar cabana dos partos, mas acabou entrando. Este é um momento de reafirmação do destino das mulheres, é quando Sherwood descreve a visão das mulheres indígenas, de que o nascimento era um momento em que o sofrimento das dores do parto devia se converter em alegria e

---

<sup>39</sup> Idem, p. 211.

<sup>40</sup> Idem, p. 211.

saúde, era quando as mulheres agiam como os deuses decidiram, cumprindo finalmente o seu destino de mulher.<sup>41</sup> Mais uma vez a autora imprime sobre a experiência das mulheres indígenas os valores e concepções de gênero naturalizados na perspectiva cristã européia. Nesta perspectiva, a autora não deixa que as mulheres indígenas escapem às normas e sentimentos prescritos para as mulheres, ignorando os sentidos já-lá, instaura outra memória e tradição inibidora da multiplicidade de experiências e subjetividades para as mulheres na história. Quem garante que o universo destas mulheres indígenas, antes da chegada dos espanhóis, se resumia apenas à maternidade e ao casamento? Talvez a presença dos espanhóis tenha modificado as subjetividades femininas e as relações de gênero no cenário da conquista.

Na hora do parto de Cuy, Malintzin manda chamar Cortés. Inesperadamente ele é introduzido na cena, antes descrita pela autora como “mundo das mulheres”, e se torna o principal protagonista e herói. Sherwood descreve que a sobrinha do cacique ficou furiosa por ver um homem usurpar-lhe a autoridade na cena do parto. Ela pergunta: “O que ele tem a ver com isso?”.<sup>42</sup> Cuy estava grávida de gêmeos, o segundo filho havia fica preso em seu ventre e então Cortés, na ausência de Botelho (espanhol que detinha alguns conhecimentos de medicina na época), é chamada com urgência para usar o bisturi. Cuy e o bebê ficam entre a vida e morte. Surge um impasse sobre quem devia viver, ela ou a criança. O marido de Cuy, já satisfeito com o nascimento de um dos bebês, prefere que o outro seja sacrificado para que Cuy possa sobreviver. Já Cuy desejava morrer, ao invés ter o bebê sacrificado. Malintzin deseja que Cuy sobreviva, na sua visão os filhos gêmeos representavam uma maldição, então um deles deveria mesmo ser sacrificado. A sobrinha do cacique afirmava que muitas mulheres precisavam se sacrificar ao darem à luz. Malintzin discordava, dizia que aquilo era mentira, que dois filhos não trazia sorte, um deles devia morrer. Quando Cortés entra em cena ordena que as mulheres se calem. Daí por diante Cortés, evocando a ajuda divina, age com calma e segurança, como um verdadeiro parteiro. Indicando que apesar de sua crueldade e matança de índios, era capaz também de salvar e gerar vida.

A cena do parto de Cuy acaba anulando a autoridade das mulheres indígenas enquanto parteiras, é como se a sabedoria e crenças indígenas não valessem de nada, porque um homem espanhol é capaz de entrar em cena, retirando-lhes a autoridade, resolvendo rapidamente a problema que elas pareciam incapazes de solucionar. No imaginário da autora, o momento do parto, enquanto cenário exclusivo das mulheres, podia ganhar a interferência dos homens, revelando a dependência e ignorância das mulheres indígenas. O que está em jogo é um aborto, e surgem diferentes pontos de vista neste cenário. A introdução de Cortés na cena do parto desqualifica os saberes e práticas indígenas sobre o parto, mostra a eficácia e superioridade dos conhecimentos

---

<sup>41</sup> Idem, p. 393.

<sup>42</sup> Idem, p. 398.

e práticas espanhóis neste assunto. Por fim, Cuy e o bebê são salvos por Cortés, que já não parece ser uma pessoa tão ruim, mas sim o salvador e herói das mulheres indígenas. Este tipo de discurso parece, assim, em sintonia com o das crônicas coloniais que buscavam revelar o heroísmo, a sabedoria e a coragem dos espanhóis, descrevendo os indígenas como seres frágeis e ignorantes que necessitavam do controle e dominação hispânica.

### **Guerreiras amazonas**

Sherwood revela, na última parte do livro, que o que mais havia provocado espanto, repulsa e medo nos espanhóis em suas expedições foi a presença de mulheres guerreiras na ilha de Cozumel, ao largo da costa sul de Yucatán, quando partiram de Cuba no final de março de 1519. A autora busca descrever o imaginário dos espanhóis diante das evidências das amazonas, construindo uma imagem destas mulheres numa ótica misógina e androcêntrica, como seres cruéis e repulsivos. Assim escreve:

Quando galgaram os degraus do templo daquela pequena ilha, Cortés e seus capitães se deparam com espantosas figuras femininas de argila que usavam saias deitadas de cobras e cintos de corações. Além disso, as paredes do templo estavam besuntadas de sangue humano que fora respingado ali havia pouco tempo. E mais ainda: espalhados pelo chão, muitos corpos humanos mutilados eram vistos. Os torsos dos homens tinham sido abertos, e os corações arrancados. [...] Segundo os espanhóis as amazonas tinham feito aquilo, vistas como “matadoras de homens”, “canibais”, “assassinas sanguinárias”, que se deliciavam com carne humana”. Um dos soldados explica que se tratava de um “ossário das amazonas, onde elas sacrificaram os homens que capturavam para oferecerem à deusa delas”.<sup>43</sup>

Neste episódio a autora faz menção aos testemunhos de Heródoto, como parte do imaginário europeu, a respeito das amazonas, mulheres de um seio só que combatiam os homens e que sem piedade os seqüestravam durante a primavera. Na narrativa os espanhóis acreditavam se tratar de um templo dedicado à adoração do diabo em forma feminina, ligado à sodomia. Logo sentiram medo, Cortés disse que o lugar era mal-assombrado e deu ordens para que saíssem depressa daquele lugar depressa.<sup>44</sup> É interessante notar que a autora diz que o cronista Bernal Díaz estava planejando usar em seus relatos as expressões “ovas do demônio”, “bruxas que acabam de chegar do inferno” para descrever estas mulheres. Deste modo, a literatura histórica toma a liberdade de prescrever imaginários e práticas. Já Cortés, segunda a

---

<sup>43</sup> Idem, p. 359.

<sup>44</sup> Idem, p. 361.

autora, promete que durante a viagem seus homens haveriam de descobrir aquela tribo de mulheres e acabar com todas.<sup>45</sup> Talvez isso acabe por justificar, em sua narrativa, a violência com que acometiam as mulheres indígenas, já que não podiam, segundo a autora, “imaginar uma rejeição mais monstruosa aos deuses e à natureza”.<sup>46</sup> Na narrativa, a conquista parece se tornar um empreendimento movido pelo desejo de destruir as mulheres que fugiam aos padrões cristãos prescritos e naturalizados para o sexo feminino.

Não por acaso, o antigo mito greco-romano das mulheres guerreiras ganhou nova vida na América, transplantado para a nova fronteira do conhecimento. Ao longo do século XVI são inúmeras as representações iconográficas ou textuais das amazonas por quase toda a América. Colombo, Vespúcio, Oviedo, Carvajal, Cieza de Leon e outros falaram das amazonas na América. Na Antiguidade grega, as amazonas foram condição para a construção da alteridade dos povos considerados selvagens. Elas representavam a subversão da moral e da ordem, e continuaram a desempenhar esse mesmo papel com a chegada dos europeus na América. Elas não eram apenas símbolos de alteridade, mas também *diábolos* (desunião, acusação), como partes da demonização da América e seus habitantes.<sup>47</sup> Como bem escreve Woortmann, estas mulheres

representavam a desordem, uma desordem que necessitava ser conquistada. Conquistar era uma obra pia; destruir os monstros era um ato de purificação, de restauração da ordem, de reunião, visto que o anômalo, como bem sabem os antropólogos, é a desordem. E a desordem, no contexto cristão tradicional, era diabolismo”.<sup>48</sup>

Da mesma forma que as amazonas, as mulheres indígenas deviam ser “insuportáveis” aos olhos dos espanhóis, já que afrontavam a ordem social e de gênero estabelecida e sacralizada pela religião católica, podendo colocar em jogo o edifício teológico. Não por acaso, Malintzin, fugindo a esse controle, se torna vítima de estupro e de dominação por parte dos espanhóis. Como bem disse Navarro-Swain,

---

<sup>45</sup> Idem, p. 298.

<sup>46</sup> Idem, p. 297.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível: o feminino e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia sobre o “Império” Inca*. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

<sup>48</sup> WOORTMANN, Klaas. *O selvagem e o Novo Mundo: Ameríndios, humanismo e escatologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 90.

A imagem das Amazonas assombra o imaginário social em sua negação absoluta da norma e sua incorporação progressiva ao domínio do ilusório e do mítico assegura cada vez mais uma ordem patriarcal, masculina e heterossexual, onde os valores e as qualificações do feminino se centralizam à reprodução, logo, à maternidade.<sup>49</sup>

Interessante notar que Sherwood dá vida às amazonas em sua narrativa, coloca em evidência a existência destas mulheres, retirando-as do domínio da lenda e do mítico, mas não oferece outros sentidos para a existência destas mulheres, além daqueles inscritos no imaginário cristão europeu. No cenário da conquista, as velhas representações de guerreiras amazonas são também reestruturadas através da incorporação de novos elementos ligados ao canibalismo, sacrifícios humanos, nudez, idolatria e selvageria indígenas, reforçando ainda mais a exclusão e inferiorização das mulheres cujos comportamentos se igualavam ao das amazonas. Nesse caso, busca-se também no novo (na alteridade confrontada na América) um reordenamento de elementos até então familiares.<sup>50</sup>

### Conclusão

É preciso estar atentos ao ponto vista dos cronistas da conquista, dos historiadores e escritores que imprimem sentidos para as práticas e conhecimentos indígenas, desenhando um mundo indígena a partir de princípios androcêntricos e cristãos. No esforço de incluir outras culturas na história, acabaram por colonizar sob o signo do *mesmo* as diferenças que, de outro modo, poderiam questionar os conceitos globalizantes acerca do feminino e do masculino.<sup>51</sup>

Navarro-Swain, em suas análises da historiografia e das fontes históricas a respeito das mulheres indígenas no Brasil colonial, observou indícios que

deixam entrever nas sociedades indígenas relacionamentos sociais múltiplos, que não se orientam pelo sexo biológico nem pelo exercício da sexualidade. [...] As narrativas históricas, de fato, imprimem um sentido e uma coerência ao caótico movimento do real, escondendo, no mesmo movimento, a construção que a ordena. [...] Os indícios referentes às sociedades indígenas são silenciados ou transformados, segundo as condições de imaginação e de possibilidade de quem os decodifica e o gênero disto não está ausente. [...] Os eixos de coesão social nem sempre estão fixados no sexo, na sexualidade ou na dominação de uns

---

<sup>49</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. Amazonas Brasileiras?... *op. cit.*, p. 117-132.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, Susane Rodrigues de, *op. cit.*

<sup>51</sup> *Idem.*

pelos outros, mas esta diversidade é apagada na política discursiva do silenciamento, modo de significação constitutivo de uma realidade que se apresenta como verdadeira e os costumes indígenas são soletrados no masculino. [...] O que, senão o discurso da ordem “natural” heterossexual e reprodutora, veria submissão onde havia liberdade, obrigações onde havia escolhas, obediência onde havia trocas?<sup>52</sup>

Na narrativa de Sherwood, Cortés é descrito como homem, herói, líder, valente, autoritário, sábio, conquistador, cruel, astuto, estrategista, corajoso, mentiroso, soldado, ambicioso pelo ouro e obstinado em encontrar Montezuma (“imperador” asteca) com o objetivo de cristianizar os índios e encontrar ouro. Convencido de que os índios o consideravam o deus Quetzalcoatl, que havia retornado para reivindicar o seu trono em Tenochtitlán, ele tenta enganar os índios a todo custo, tirando proveito da situação. Interessante de se notar que a autora não descreve os espanhóis de forma homogênea, ela revela os conflitos de interesse entre eles, seus medos, fraquezas e bondades. Alguns não estavam interessados em marchar contra os astecas, outros não tinham interesse em conquistar em nome do Papa ou mandar ouro para a Espanha, mas, enquanto soldados, eram obrigados a obedecer e serem fiéis à Cortés, caso contrário podiam ser punidos ou condenados à morte no cadafalso. Cortés era capaz de matar, mas também podia proteger e ser amável. Malintzin tinha também os seus interesses pessoais na conquista, já que era possibilidade de se livrar da condição de escrava e se tornar uma pessoa independente e rica.

Como bem disse Virgínia Woolf,

A ficção, trabalho imaginativo que é, não cai como um seixo no chão, como talvez ocorra com a ciência; a ficção é como uma teia de aranha, muito levemente presa talvez, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos. Muitas vezes a ligação mal é perceptível [...] essas teias não foram tecidas em pleno ar por criaturas incorpóreas, mas são obra de seres humanos sofredores e estão ligadas a coisas flagrantemente materiais, como a saúde e o dinheiro e as casas em que moramos.<sup>53</sup>

Malintzin vai mais além, a partir do momento em que se torna porta-voz de Cortés, foi corajosa ao traduzir o que os índios cempoalas diziam a Cortés. Neste ponto, a autora parece fugir das imagens tradicionais e androcêntricas de gênero, ao descrever Malintzin como uma mulher forte, inteligente e corajosa, que acreditava não pensar como uma mulher ou escrava, que não demonstrava arrependimento em suas

<sup>52</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. Os limites discursivos da... *op. cit.*

<sup>53</sup> WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 55-56.

ações. Cuy também é descrita como uma mulher de opinião e sabedoria, que se vê como pertencente e fiel a seu povo e costumes maias. No entanto, quando se trata das expectativas sobre o futuro e o destino, a autora imprime sobre elas sentimentos maternos, naturalizando o desejo pelo casamento e maternidade, inscrevendo o pensamento e desejo destas mulheres numa ótica androcêntrica, heterossexual e reprodutiva, conforme os padrões de gênero já reconhecidos na cultura cristã. É como se as mulheres indígenas tivessem os mesmos anseios que as mulheres cristãs e européias do século XVI, de se casar e terem filhos. É nesta perspectiva que emerge, na narrativa, a fraqueza, submissão e vulnerabilidade feminina; quando Malintzin sofre e chora intensamente por ciúmes de Cortés, pelo desejo de ser sua única esposa. Sherwood, apesar de mostrar outras possibilidades para as mulheres indígenas, no caso de Malintzin como tradutora, acaba por fim aprisionando o feminino ao corpo, ao materno e ao casamento.

Na narrativa de Sherwood, Cuy ganha um “final feliz” já que consegue se casar, ser amada e ter filhos com um espanhol. Já Malintzin não tem o mesmo destino, acaba tendo um filho de Cortés, mas termina vivendo sem marido, porque depois da conquista Cortés retorna para Cuba, para sua esposa espanhola. No imaginário da autora Malintzin não consegue ter outro homem depois de Cortés, parecendo reafirmar a lealdade resignada das mulheres aos homens. No entanto, Malintzin ganha no fim autonomia, riqueza e independência, cria o filho sozinha, e mantém apenas amizade com os homens espanhóis. A autora parece, assim, indicar que as mulheres fora do casamento, das relações afetivas e sexuais com os homens, ganham a possibilidade de serem fortes, autônomas, livres e independentes.

Sherwood revela fortemente alguns conceitos e valores homogeneizadores e universalizantes acerca das diferenças e papéis sexuais no mundo indígena e espanhol. A diferença sexual e étnica está na base das relações que se instauram entre índios e europeus. A sua narrativa se caracteriza como um “discurso de voz dupla”, como bem observou Showalter<sup>54</sup> a respeito da literatura produzida por mulheres, já que inclui a herança social, literária e cultural tanto do silenciado (as mulheres indígenas) quando do dominante (conquistadores espanhóis). Sua narrativa leva em consideração também a experiência feminina, ao invés de se conter apenas no heroísmo masculino. Entretanto, o seu olhar sobre as mulheres indígenas é ainda informado por um imaginário histórico androcêntrico e eurocêntrico que repousa sobre os pressupostos de que a sexualidade biológica seria a base natural e universal da construção das diferenças e hierarquias entre homens e mulheres. Deste modo, reproduz a velha relação entre sexo, gênero e função social, o “sistema sexo/gênero”,<sup>55</sup> supondo que a heterossexualidade seria natural em todos os agrupamentos humanos. Esta

---

<sup>54</sup> SHOWALTER, Elaine. *Feminist Criticism in the Wilderness*. *Critical Inquiry* 8. University of Chicago: Winter, 1981.

<sup>55</sup> RUBIN, Gayle. *The traffic in women: notes on the political economy of sex*. In: REITER, Rayna R.. *Toward an anthropology of women*. New York and London: Monthly Review Press, 1975.

heterossexualidade compulsória perpassa a narrativa de Sherwood, constituindo matriz de gêneros binários e hierárquicos, apagando a possibilidade de outros arranjos sociais no cenário da conquista.

As histórias sobre Malintzin ainda se proliferam no México contemporâneo, como parte da memória e identidade nacional mexicana, por isso a necessidade de sua constante reavaliação por parte dos historiadores, já que o imaginário histórico a respeito de Malintzin e da conquista hispânica faz circular valores e representações que podem incidir sobre as subjetividades e relações de sexo-gênero e etnia no presente. Acreditamos que a res-significação de sua história, a partir de uma perspectiva “gendrada”, aliada à crítica feminista, pode contribuir na construção de uma história mais questionadora dos fardos referenciais da tradição androcêntrica e patriarcal sobre as culturas indígenas, as relações de gênero/etnia e a conquista/formação do México.

*Artigo recebido em 03/10/2011; aprovado em 15/12/2011.*